



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

CANA-DE-AÇÚCAR

V. 1 - **SAFRA 2014/15**
N. 3 - Terceiro Levantamento
Dezembro/2014



Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Neri Geller

Secretaria de Produção e Agroenergia (SPAÉ)

João Alberto Paixão Lages

Departamento de Cana-de-Açúcar e Agroenergia (DCAA)

Fernando José Sales

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Francisco Olavo Batista de Sousa

Equipe Técnica da Geasa

Alessandro Lúcio Marques

Bernardo Nogueira Schlemper

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Eledon Pereira de Oliveira

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Roberto Alves de Andrade

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Francielle do Monte Lima (Estagiária)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

CANA-DE-AÇÚCAR

V. 1 – **SAFRA 2014/15**
N. 3 – Terceiro Levantamento
Dezembro/2014

ISSN: 2318-7921

Acomp. safra bras. cana-de-açúcar, v. 1 – Safra 2014/15, n.3 – Terceiro Levantamento, Brasília, p. 1-27, dez. 2014.



Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7921
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)
Miriam Rodrigues da Silva (INMET)

Colaboradores das Superintendências

AC – Bruno Macedo Siqueira Milhomem;
AL – Ilo Aranha Fonsêca, Hécio de Melo Freitas, José Pereira do Nascimento Júnior;
AM – José Humberto Campos de Oliveira;
BA – Fausto Carvalho G. De Almeida;
CE – Gilson Antônio de Sousa Lima ;
ES – Kerley Souza;
GO – Adayr Souza, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Rogério César Barbosa;
MA – Humberto M. Souza Filho, Leidyenne A. Nazária, Luiz Gonzaga C. Filho e Rogério Prazeres da Silva;
MT – Sizenando Santos;
MS – Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes;
MG – Luiz E. Marques Dumont, Márcio C. Magno, Pedro P. Soares e Warlen C. Henriques Maldonado;
PA – Alexandre Cidon;
PB – Ernandes Moreira Fonsêca;
PR – Agnelo de Souza, José Segundo Bosqui, Rosimeire Lauretto;
PE – Clóvis Ferreira Filho, Daniele de Almeida Santos, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva;
PI – Francisco Souza;
RJ – Cláudio Figueiredo;
RN – Luís Gonzaga Araújo e Costa e Manoel Edelson de Oliveira;
RS – Jaira Testa;
RO – João Kasper;
SP – Antônio C. Farias, Celmo J. Monteiro, Cláudio Lobo de Ávila, Elias T. de Oliveira e Marisete Belloli;
TO – Jorge Carvalho;

Editoração e diagramação:

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Fotos

Arquivo Geosafras/Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro e Roberto Andrade

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.61(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar. – v. 1 – Brasília : Conab, 2013- v.

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Quadrimestral

Recebeu numeração a partir de abr./2014.

ISSN 2318-7921

1. Cana-de-Açúcar. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Introdução.....	3
2. Cana-de-açúcar.....	4
2.1. Fisiologia.....	4
3. Monitoramento agrícola via satélite.....	8
4. Monitoramento agrometeorológico.....	9
5. Situação geral da lavoura.....	15
5.1. Área.....	16
5.2. Produtividade.....	18
5.3. Produção de cana-de-açúcar.....	19
5.3.1. Produção de açúcar.....	19
5.3.2. Produção de etanol.....	20
6. Resultado detalhado.....	21

1. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no âmbito de um acordo de cooperação com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), promove desde 2005 levantamentos e avaliações quadrimestrais da safra brasileira de cana-de-açúcar. Esse acompanhamento tem o propósito fundamental de abastecer o governo federal com informações que ajudem a gerir as políticas públicas voltadas para o setor sucroalcooleiro, além de fornecer dados importantes ao próprio setor. Isso ocorre porque há um consenso da importância estratégica, econômica e de liderança que o setor sucroalcooleiro tem para o Brasil e da necessidade de ser mantida uma parceria permanente entre o setor público e o setor privado na condução deste assunto.

De acordo com a metodologia empregada pela Conab, este boletim é elaborado com informações coletadas por técnicos da Companhia em visita às unidades de produção em atividade. Este contato com as fontes de informação permite manter os dados atualizados de área cultivada, produtividade por unidade de área, por corte e desempenho industrial de cada unidade de produção. Os dados coletados possuem elevado nível de confiança e é um retrato fiel dos dados repassados pelos informantes das próprias unidades de produção. Esses dados são publicados consolidados por Unidade da Federação, uma vez que há um acordo entre a Companhia e as unidades de produção com o objetivo de manter sigilo nas informações individuais, uma vez que este é um dado confidencial e estratégico de cada unidade. A tarefa fundamental é analisar a consistência dos números coletados por unidade, efetuar a totalização para cada estado produtor e assim repassar para o mercado a produção nacional consolidada.

São quatro os levantamentos realizados, sendo que no primeiro são pesquisados dados estimativos como: área em produção, área expandida, área renovada, produtividade, produção, capacidade industrial, energia gerada e consumida, tipo de colheita, desenvolvimento vegetativo da cultura, intenção de esmagamento, quantidade de cana destinada à produção de açúcar e à produção de etanol, dentre outros. O segundo e terceiro levantamentos têm a finalidade de ajustar os dados estimados no primeiro levantamento, apurar as causas das possíveis alterações e após a consolidação das informações estabelecer e atualizar a estimativa da safra de cana-de-açúcar e dos produtos dela originados. No quarto levantamento buscar-se-á a consolidação dos números finais da safra de cana-de-açúcar, agregando alguma produção residual nas Regiões Norte e Centro-Sul e o encerramento da colheita na Região Nordeste.

2. Cana-de-açúcar

A cana-de-açúcar foi introduzida no país em 1532 e sempre teve importância destacada na economia do país. O país não é só o maior produtor da cultura, seguido por Índia e China, como também o maior produtor de açúcar e etanol de cana-de-açúcar. Responsável por mais de 50% do açúcar comercializado no mundo, o país deve ter redução na sua produção este ano em 2,5%. Apesar de pouco mais de 50% da produção estar concentrada em São Paulo, a cultura é cultivada em todas as regiões do país. De um modo geral, o país tem dois calendários de colheita, um para a Região Nordeste, que vai de setembro a abril e outro para o restante do país, de maio a novembro.

A cultura tem um papel ambiental muito importante, uma vez que o etanol, um dos subprodutos da cana-de-açúcar, é uma das melhores alternativas para reduzir a emissão de gases causadores do efeito estufa, haja vista que a sua queima como combustível reduz em 70% a emissão de CO₂ na atmosfera em relação à gasolina (Embrapa Agrobiologia).

2.1 Fisiologia

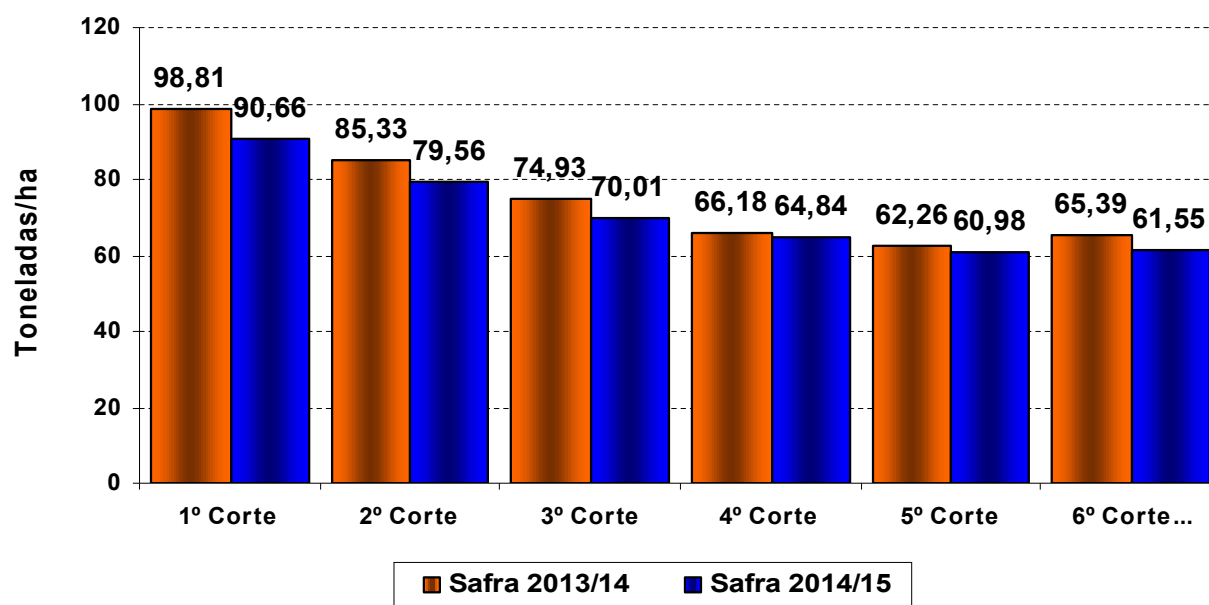
A cana-de-açúcar (*Saccharum* spp) é uma gramínea semiperene e expressa um bom desenvolvimento em solos onde há boa aeração, boa drenagem, o que exige solos com profundidade superior a um metro. O desenvolvimento da cana se deve em dois ciclos. O primeiro ciclo da cultura é chamado de cana-planta, ou seja, quando a cultura ainda não teve o primeiro corte. O período da cana-planta pode ser de 12 ou 18 meses, conforme a variedade.

Após o primeiro corte encerra-se o ciclo da cana-planta e se inicia o ciclo da cana-soca. Neste ciclo o período passa a ser de 12 meses para todas as variedades. A cultura tem como característica ser semiperene porque permite vários cortes, sem a necessidade de replantio, porém a cada safra é necessária a aplicação de insumos agrícolas de forma que a cultura continue com patamares de produtividades vantajosos. Quanto maior o número de corte, menor é a resposta da cultura à aplicação desses insumos, o que faz com que em determinado momento seja necessária a renovação desses canaviais. A queda na produtividade agrícola em função de um maior número de cortes pode ser observada no Gráfico 1.

A cana-de-açúcar possui metabolismo fotossintético C4, ou seja, é considerada altamente eficiente na conversão de energia radiante em energia química, com taxas

fotossintéticas calculadas em até 100 mg de CO₂ fixado por dm² de área foliar por hora e, para efeito de parâmetro, chega a acumular o dobro de biomassa que uma planta C3, como a soja. Além disso, as plantas C4 possuem um mecanismo que diminui a perda de água em ambientes secos (ALENCAR, 2012).

Gráfico 1 – Produtividade agrícola por idade de corte – Em toneladas/ha



As características intrínsecas da variedade definem o número de colmos por planta, a altura e o diâmetro do colmo, o comprimento e a largura das folhas e a arquitetura da parte aérea, mas as expressões destes caracteres são influenciadas por fatores externos, como as condições climáticas, o manejo e as práticas culturais utilizadas (RODRIGUES, 1995).

Os componentes climáticos responsáveis pela maior expressão de produtividade da cana-de-açúcar são: temperatura (16°C a 33°C), alta incidência de radiação solar e disponibilidade de água no solo, ou seja, ela é considerada uma planta essencialmente tropical. Apesar da cultura se desenvolver em uma boa amplitude térmica, estudos indicam que temperaturas inferiores a 21°C reduzem a taxa de alongamento dos colmos e promovem o acúmulo de sacarose (Magalhães, 1987). Isso explica porque a cultura é pouco expressiva na Região Sul do país. A região é responsável por cerca de 7% da produção nacional, sendo que mais de 99,8% desse total é produzido na região norte do Paraná, onde as temperaturas médias são mais altas do que o restante da Região Sul.

Uma das características das gramíneas é a capacidade de perfilhamento. O perfilhamento é o processo no qual a planta emite brotações, colmos ou hastes laterais na

mesma planta, os quais recebem a denominação de perfilhos, sendo que esta é a razão mais importante para a produtividade de culturas, como a cana-de-açúcar. A cultura perfilha nos primeiros meses após o plantio (ou após a rebrota) e os fatores que são responsáveis inicialmente pelo perfilhamento são a temperatura e a radiação solar, mas a variedade utilizada, a densidade do plantio, o ciclo (cana-planta ou soca), assim como a disponibilidade de água e a de nitrogênio no solo também podem ser determinantes pela intensidade do perfilhamento (SUGUITANI; MATSUOKA, 2001).

O aumento do perfilhamento de cana-de-açúcar se estende até os 180 dias após o plantio da cana, ou após o corte da cana-soca e varia em função das condições de temperatura e a disponibilidade hídrica favorável. Após este período há uma redução de cerca de 50% no perfilhamento e a partir dos 270 dias o número de perfilhos tende a se estabilizar, o que é uma característica fisiológica da cana-de-açúcar. (DILLEWIJN, 1952; BARBIERI, 1993; PRADO, 1988, DAROS et al., 1999; SILVA et al. 2002; CASTRO e CHRISTOFOLETTI, 2005).

Um dos fatores que favorece a estabilização do perfilhamento é o sombreamento ocasionado pela própria cultura, o autosombreamento, mas em contrapartida, isso induz a aceleração do crescimento do colmo principal. A limitação de crescimento nesta fase ocorre apenas quando há déficit no suprimento de água, ocorrência de baixas temperaturas ou ainda devido ao florescimento, sendo este processo indesejável em culturas comerciais.

O florescimento da cana-de-açúcar é um processo natural entre as gramíneas e é indispensável para a sobrevivência da espécie. Porém, do ponto de vista do produtor, isso se caracteriza como uma desvantagem, uma vez que o florescimento paralisa o crescimento vegetativo do colmo e com evidente perda do rendimento de açúcar, haja vista que a planta inicia o translocamento de assimilados para a formação da folha bandeira, a qual protegerá a inflorescência, que também recebe assimilados. Após o florescimento pleno a cultura entra em senescência permitindo novas brotações, o que impacta negativamente no açúcar total recuperável (ATR¹), uma vez que a planta também precisa translocar assimilados para os novos brotos.

A saída em casos assim é a interferência no metabolismo da planta, a fim de evitar o florescimento. Isso ocorre através do melhoramento genético, ou seja, variedades menos propensas à indução do florescimento e, através de reguladores vegetais, uma vez

1 Quantidade de açúcar disponível na matéria-prima subtraída das perdas no processo industrial.

que a florescência da cana-de-açúcar é controlada por fatores externos, como o fotoperíodo, a temperatura, a umidade e a radiação solar (CASTRO, 1992).

Referências:

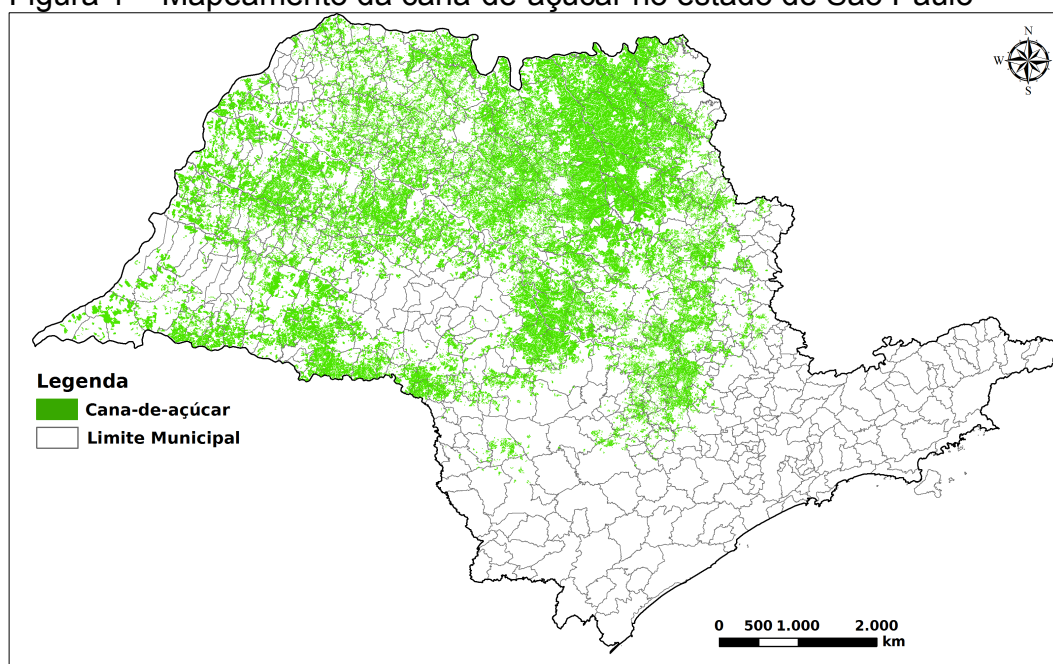
- ALENCAR, K. Análise do balanço entre demanda por etanol e oferta de cana-de-açúcar no Brasil. 2012. 49 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- BARBIERI, V. Condicionamento climático da produtividade potencial da cana-de-açúcar (*Saccharum spp.*): um modelo matemático-fisiológico de estimativa. Piracicaba, 1993. 142 f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Departamento de Física e Meteorologia – ESALQ-USP.
- CASTRO, P.R.C.; CHRISTOFFOLETI, P.J. Fisiologia da cana-de-açúcar. In: MENDONÇA, A.F. Cigarrinhas da cana-de-açúcar: Controle biológico. 1.ed. Maceió: Insecta, 2005. p.3-48.
- CASTRO, P.R.C. Inibidores da florescência e estimulantes da maturação da cana-de-açúcar. In: Encontro cana-de-açúcar. In: ENCONTRO CANA-DE-AÇÚCAR. São Paulo, 1992. Anais... São Paulo: Rhodia Agro, 1992, p.87-91.
- DAROS, E.; ZAMBON, J.L.C.; WEBER, H.; IDO, O.T.; GRACIANO, P.A. Efeito da densidade de plantio em duas variedades de cana-de-açúcar. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE DOS TÉCNICOS AÇUCAREIROS E ALCOOLEIROS DO BRASIL - STAB, 7, 1999, Londrina. Anais... Londrina: Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil, 1999, p. 137-140.
- DILLEWIJN, C. Van Botany of sugarcane. Waltham: Chronica Botanica, 1952. 371p.
- PRADO, A.P.A. Perfilamento e produção da cana-de-açúcar (*Saccharum spp.*) em função da densidade de plantio. 1988. 69p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- SILVA, M.A.; LANDELL, M.G.A.; CAMPANA, M.P.; XAVIER, M.A. Produtividade de mudas sob diferentes densidades de plantio, em viveiro oriundo de cultura de meristema. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE DOS TÉCNICOS AÇUCAREIROS E ALCOOLEIROS DO BRASIL - STAB, 8, 2002, Recife. Anais... Recife: Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil, 1999, p. 538-543.
- PICOLI, M. C. A. Estimativa da produtividade agrícola da cana-de-açúcar utilizando agregados de redes neurais artificiais: estudo de caso usina catanduva. 2007. 90 p. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2006.
- MAGALHÃES, A. C. N. Ecofisiologia da cana-de-açúcar: aspectos do metabolismo do carbono na planta. In: Castro, P. R. C.; Ferreira, S. O.; Yamada, T. (Ed.). Ecofisiologia da Produção Agrícola. Piracicaba: Potafós, 1987. p.113-118.
- RODRIGUES, J.D. Fisiologia da cana-de-açúcar. Botucatu: UNESP, 1995. 100p. (Apostila).
- SUGUITANI, C.; MATSUOKA, S. Efeitos do fósforo nas características industriais e na produtividade agrícola em cana-de-açúcar (cana-planta) cultivada em duas regiões do estado de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO SOLO, 28., 2001, Londrina. Ciência do solo: fator de produtividade competitiva com sustentabilidade: resumos. Londrina: SBCS, 2001. p. 119.

3. Monitoramento agrícola via satélite

O mapeamento da cultura da cana-de-açúcar tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. A localização das áreas de cultivo permite quantificar e acompanhar a dinâmica do uso do solo e monitorar o desenvolvimento da vegetação.

Em 2014 a Conab finalizou o mapeamento do estado de São Paulo em parceria com o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) (Figura 1). A metodologia utilizada foi a segmentação e a classificação orientada ao objeto com base nas imagens do sensor Linear Imaging Self-Scanner – LISS3, a bordo do satélite indiano ResourceSat-1, também conhecido como IRS-P6, de 2012. Esse sensor possui resolução espacial de 23,5 metros, resolução temporal de 24 dias e bandas espectrais que fornecem informações relacionadas à vegetação.

Figura 1 – Mapeamento da cana-de-açúcar no estado de São Paulo



Fonte: Conab.

4. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições de desenvolvimento da cana-de-açúcar em cada mesorregião com produção significativa. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento da cultura, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a temperatura. Para a elaboração dos mapas das condições hídricas para os cultivos é realizada uma classificação da seguinte forma:

- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Na tabela, são especificadas as regiões: onde as chuvas são favoráveis para a brotação e o desenvolvimento vegetativo; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas.

Nas Figuras 2 a 13 observam-se os mapas de precipitação acumulada e de anomalia para os meses de dezembro de 2013 a novembro de 2014; na Figura 14 verificam-se as condições hídricas gerais nos principais estados produtores do Brasil; e, na Tabela 1 observam-se as condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases dos cultivos de cada cultura, por mesorregião nesse período.

Na maior parte das regiões produtoras do Centro-Sul do Brasil, estiagens e temperaturas acima da média observadas em dezembro de 2013 a fevereiro de 2014 impactaram a produtividade da safra 2014/15 em desenvolvimento. Já em relação à colheita, que se concentrou de maio a outubro, não houve problemas por excesso de chuva. As chuvas reduzidas, principalmente, de agosto a outubro foram favoráveis à maturação e à colheita.

Em relação à safra 2015/16, que está em desenvolvimento, foram observadas condições desfavoráveis em setembro em Minas Gerais, onde as chuvas ocorreram abaixo da média. Já em outubro, houve condições desfavoráveis na maior parte da região produtora do Centro-Sul. Além das chuvas abaixo da média, houve registros de altas temperaturas. Na Figura 12 pode-se verificar uma anomalia positiva da temperatura máxima em outubro. Apesar disso, em novembro, houve uma modificação nesse cenário. As chuvas e as temperaturas ocorreram, na maior parte, dentro da média.

Nas regiões produtoras do leste paraibano, pernambucano e alagoano, em relação à safra 2014/15, em abril, as condições de chuvas abaixo da média e altas temperaturas foram desfavoráveis para as lavouras em desenvolvimento. Em relação à colheita, as condições climáticas foram favoráveis. No entanto, chuvas acima da média em outubro podem ter atrapalhado a colheita em Alagoas.

Figura 2 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em dezembro de 2013

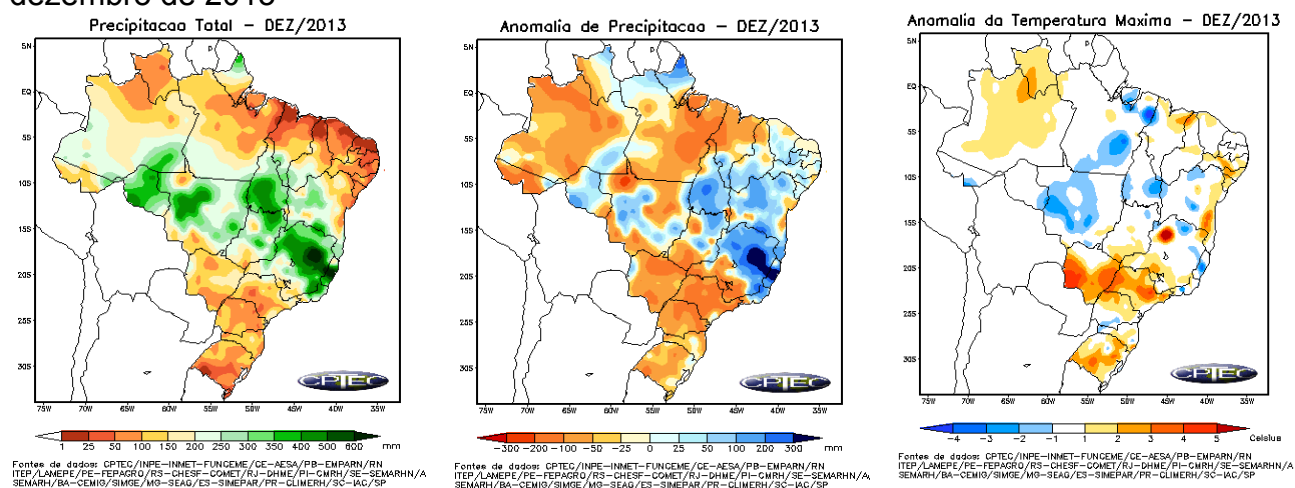


Figura 3 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em janeiro de 2014

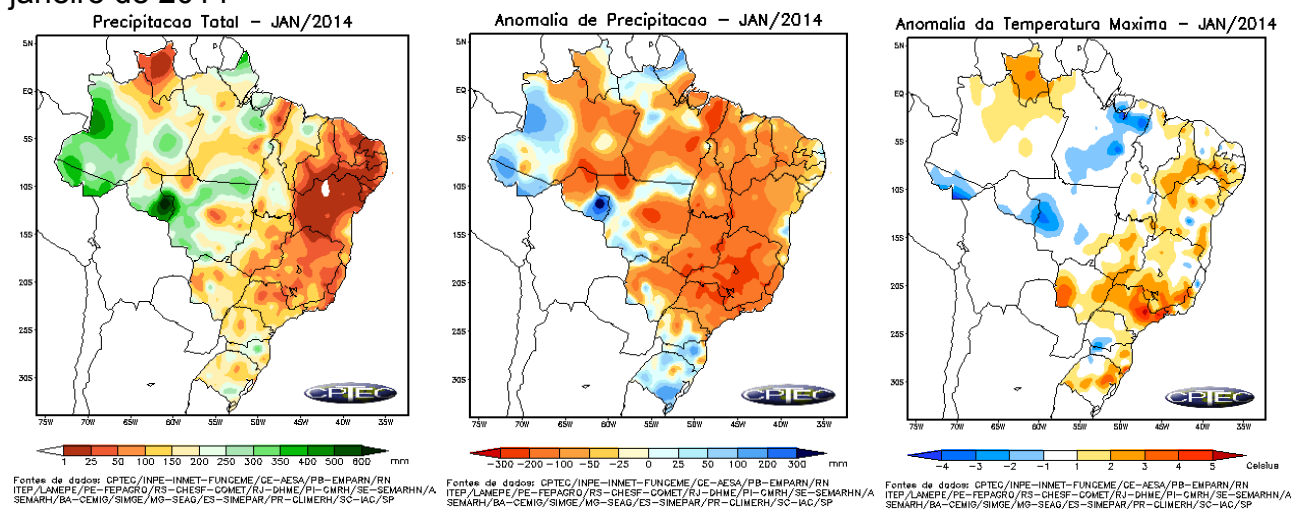


Figura 4 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em fevereiro de 2014

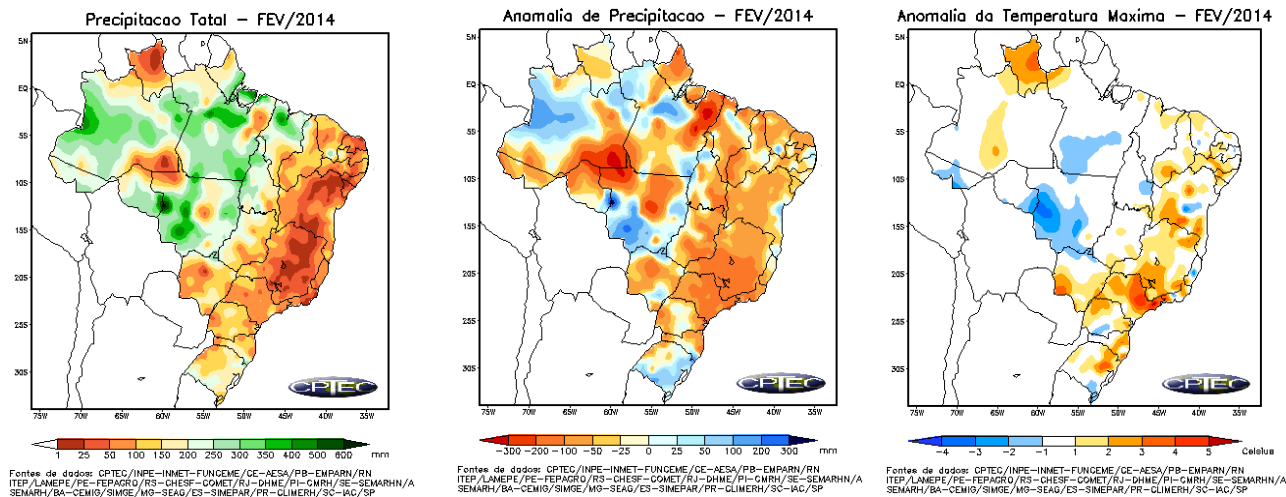


Figura 5 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em março de 2014

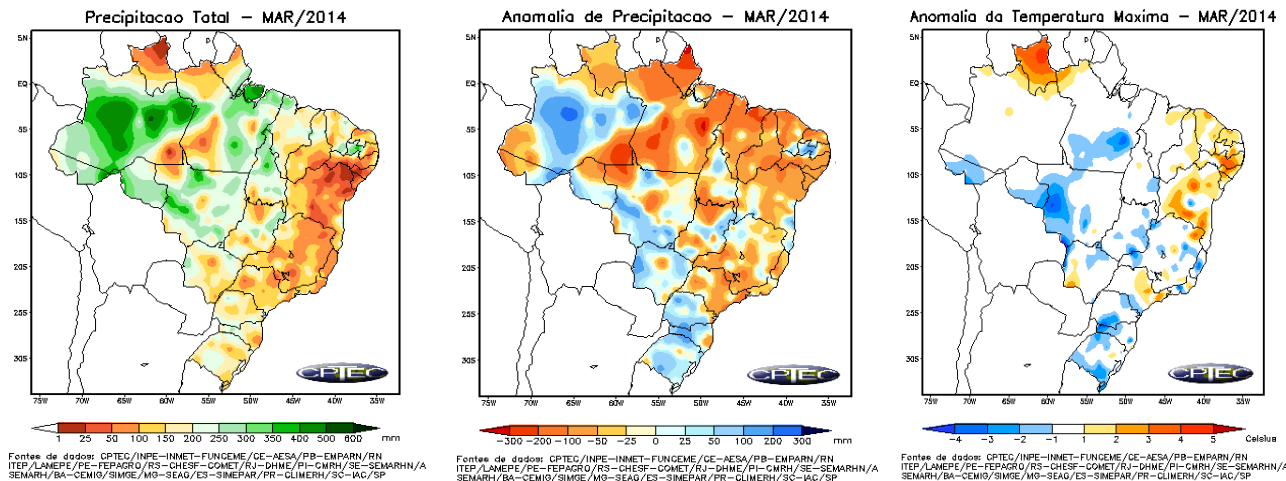


Figura 6 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em abril de 2014

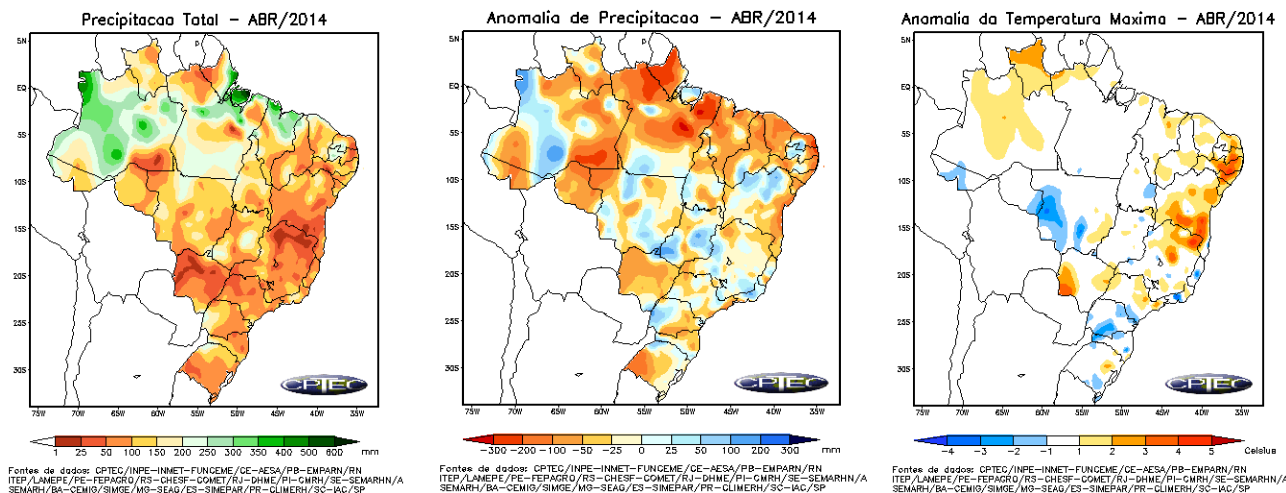


Figura 7 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em maio de 2014

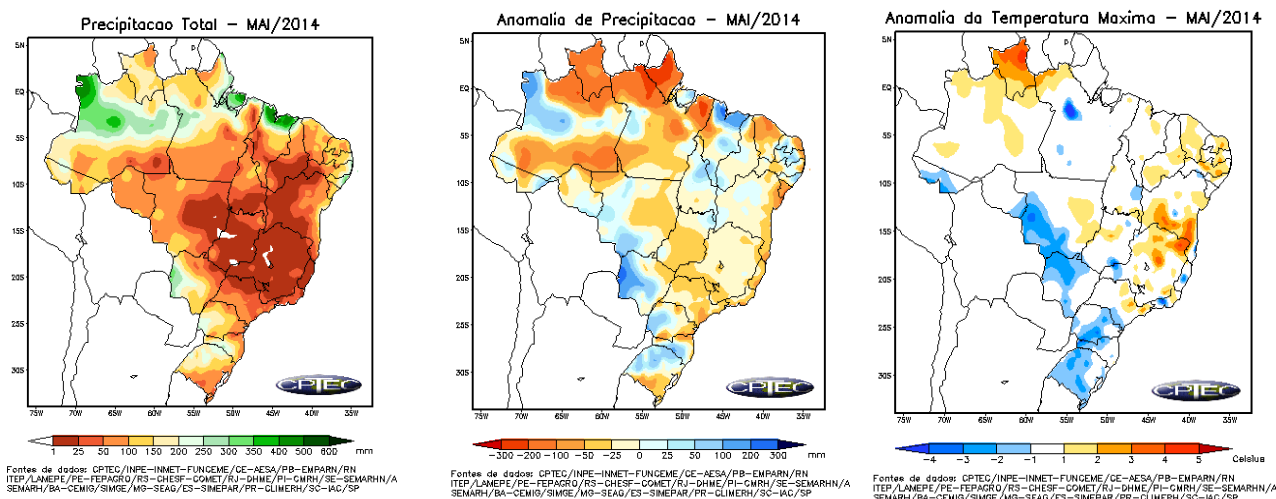


Figura 8 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em junho de 2014

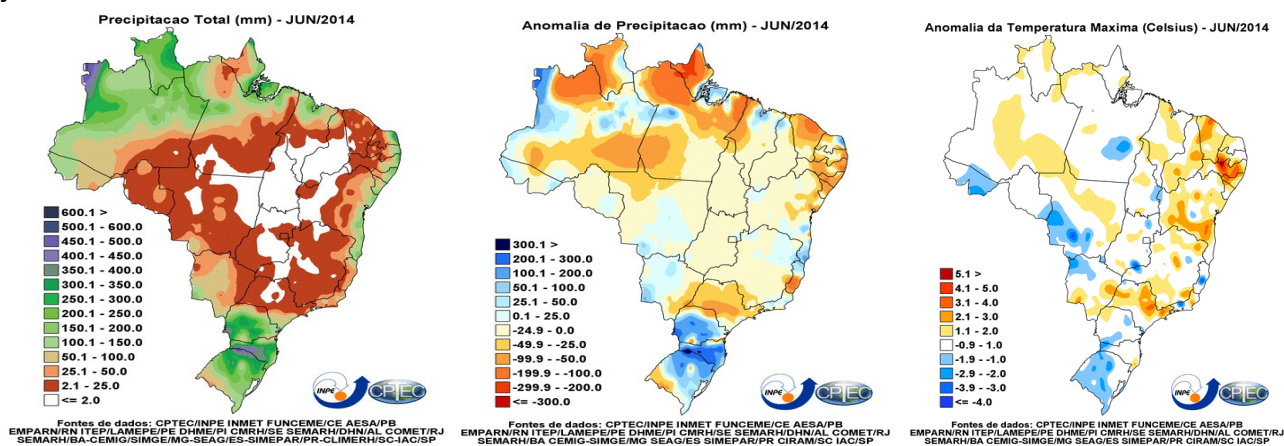


Figura 9 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em julho de 2014

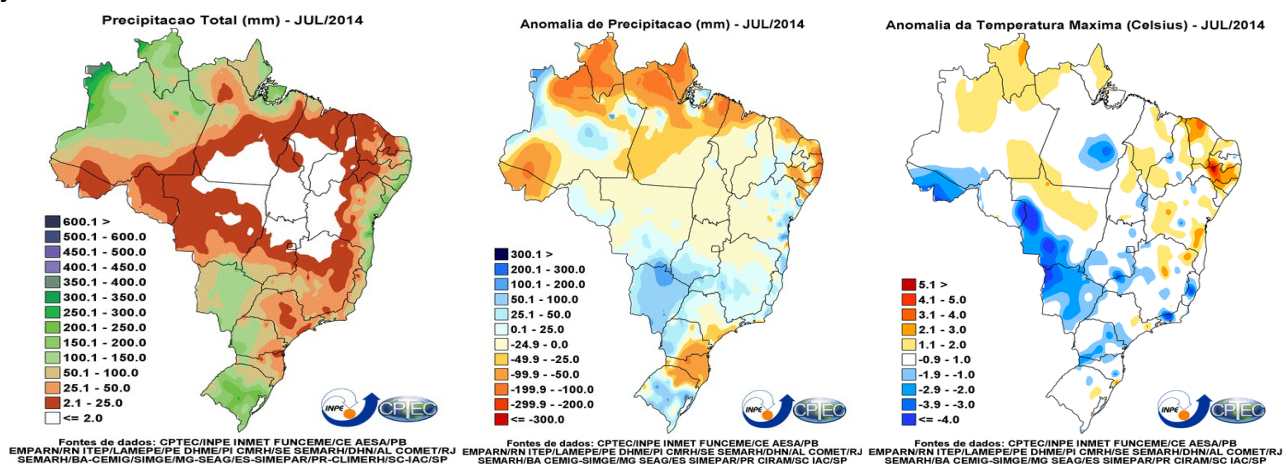


Figura 10 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em agosto de 2014

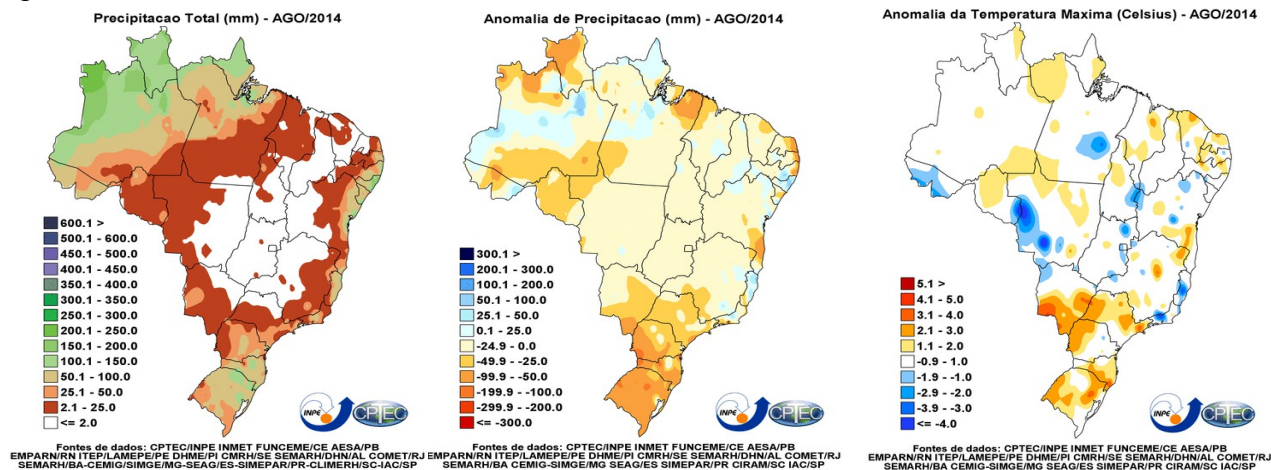


Figura 11 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em setembro de 2014

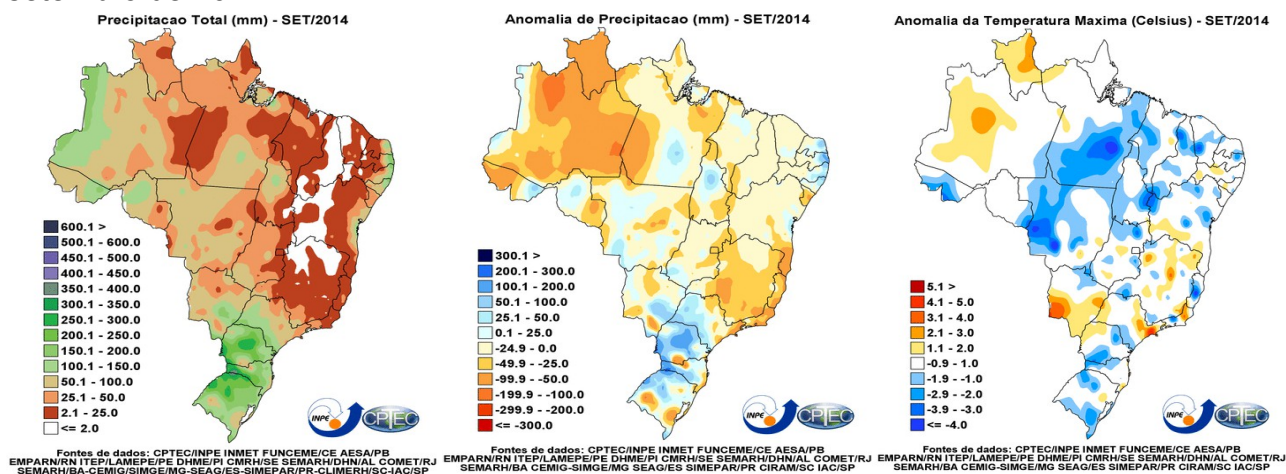


Figura 12 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em outubro de 2014

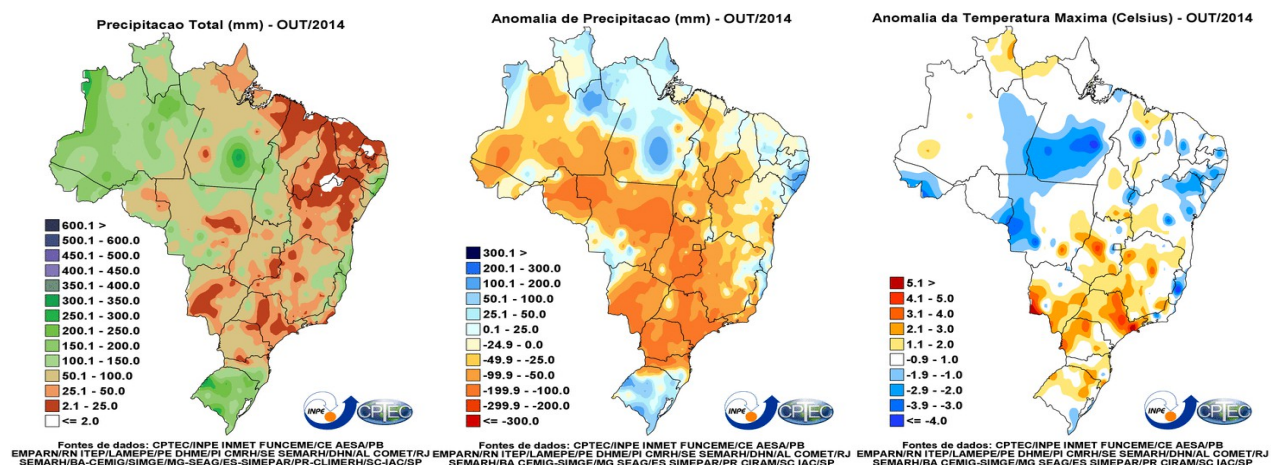


Figura 13 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em novembro de 2014

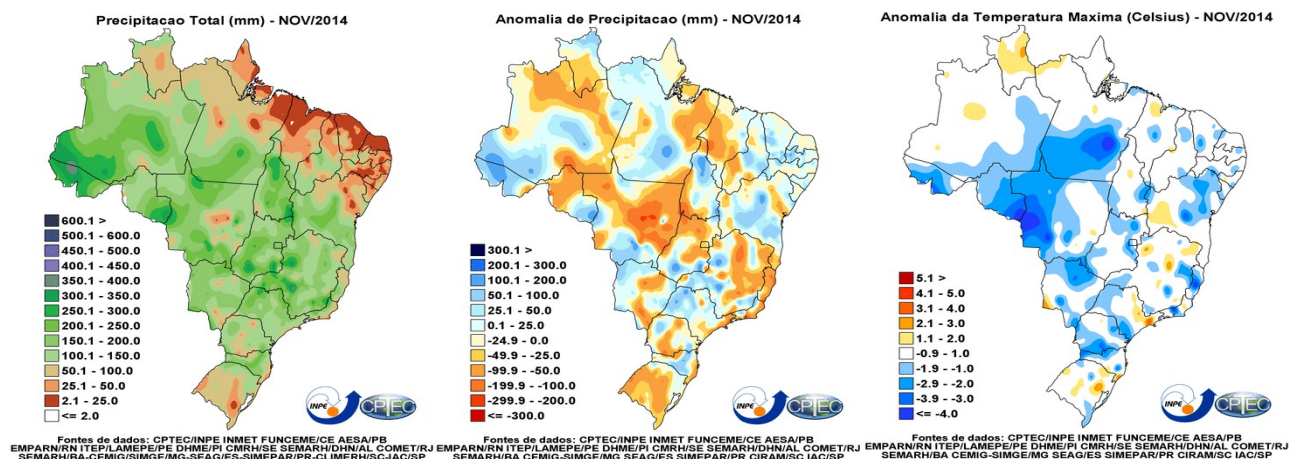
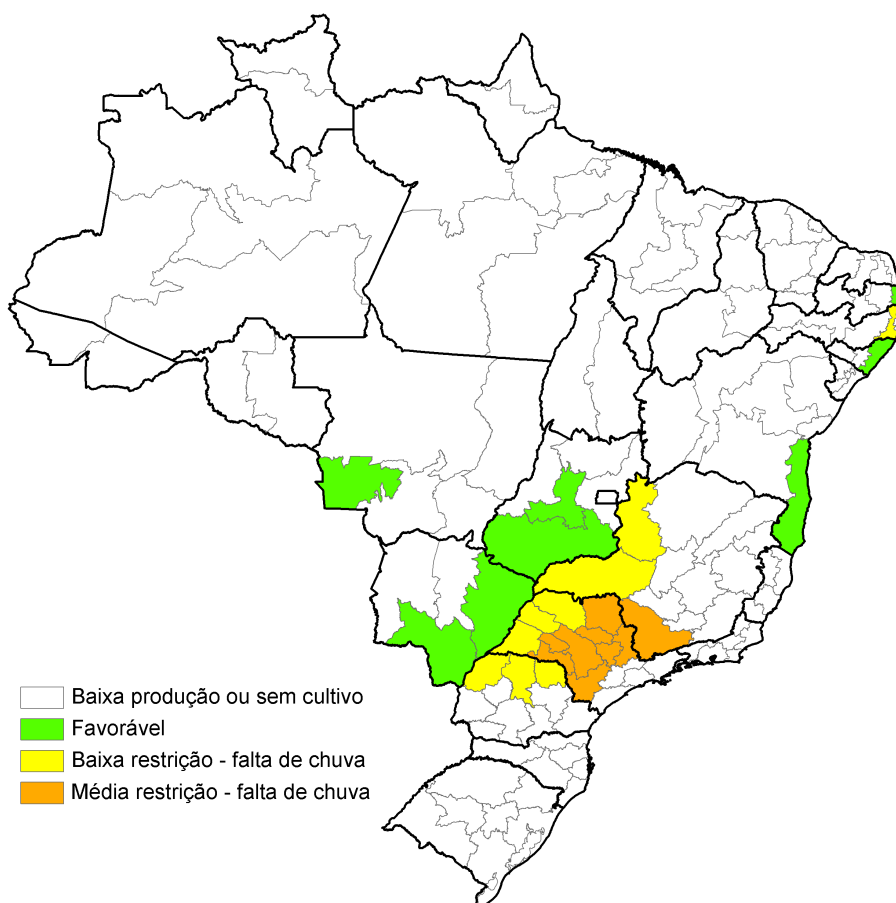


Figura 14 – Condição hídrica geral para o cultivo da cana-de-açúcar (safra 2014/15) nos principais estados produtores do Brasil, considerando o período de dezembro/2013 a novembro/2014



Fonte: Conab.

Tabela 1 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* do cultivo da cana-de-açúcar (safra 2014/15) no período de dezembro/2013 a novembro/2014

Cultura	Condições favoráveis ao longo do ciclo: B, DV, M, C*	Possíveis problemas por excesso de chuva em algum momento do ciclo	Possíveis problemas por falta de chuva em algum momento do ciclo
Cana-de-açúcar	SP** MG** PR** GO** MT MS** BA PB** PE** AL**		SP – todo estado: dez, jan, fev (DV) MG – oeste: jan, fev (DV) PR – norte: dez, jan, fev (DV) GO – sul: jan (DV) MS – todo estado: dez (DV); nordeste: jan (DV) PE – leste: abr; jun; jul (DV) PB – leste: abr (DV) AL – leste: abr (DV)

Legenda: * - (B)=brotação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (M)=maturação; (C)=colheita.

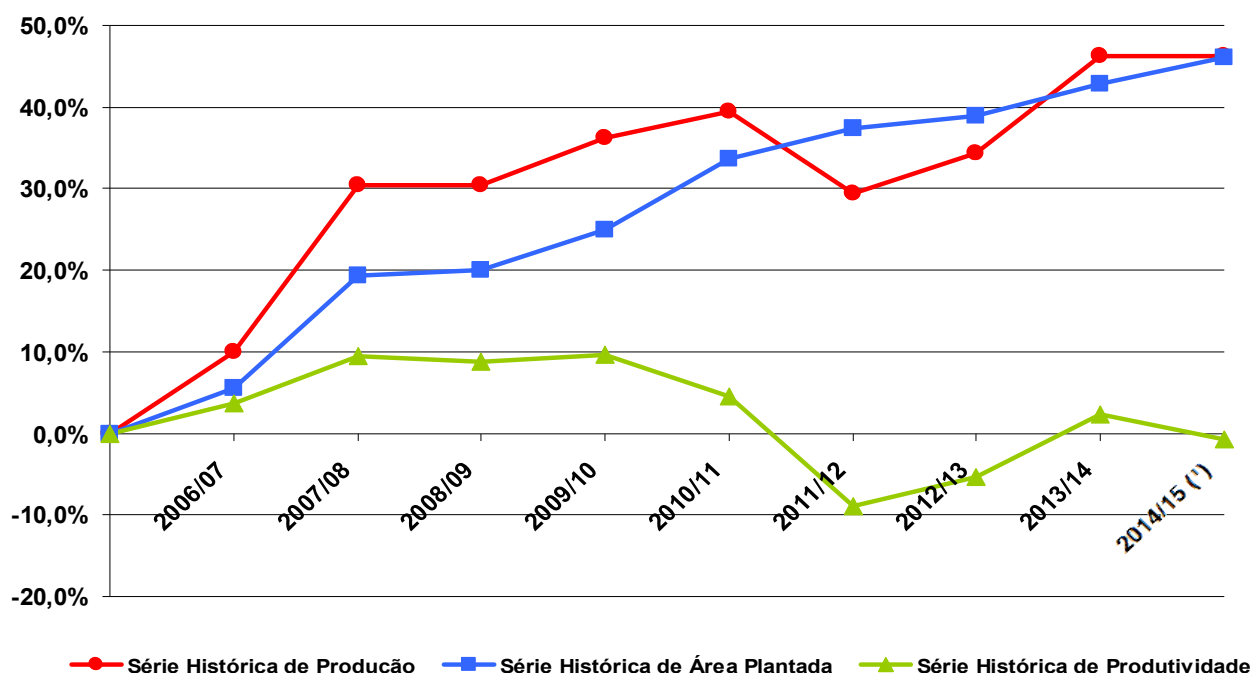
** - Nesse estado, houve problemas por falta ou excesso de chuva. Nas colunas ao lado, há indicação do problema ocorrido com indicação do período e da fase fenológica.

Fonte: Conab.

5. Situação geral da lavoura

O Brasil deverá produzir 642,1 milhões de toneladas de cana-de-açúcar nesta safra em pouco mais de 9 milhões de hectares. A produção do país deve sofrer uma queda de 2,5% em relação à safra passada e só não é maior porque há um leve aumento na área plantada no país (2,2%), ou seja, a queda na produção está diretamente relacionada com a queda na produtividade de 4,6% (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Variação percentual acumulada em relação à safra anterior – Brasil

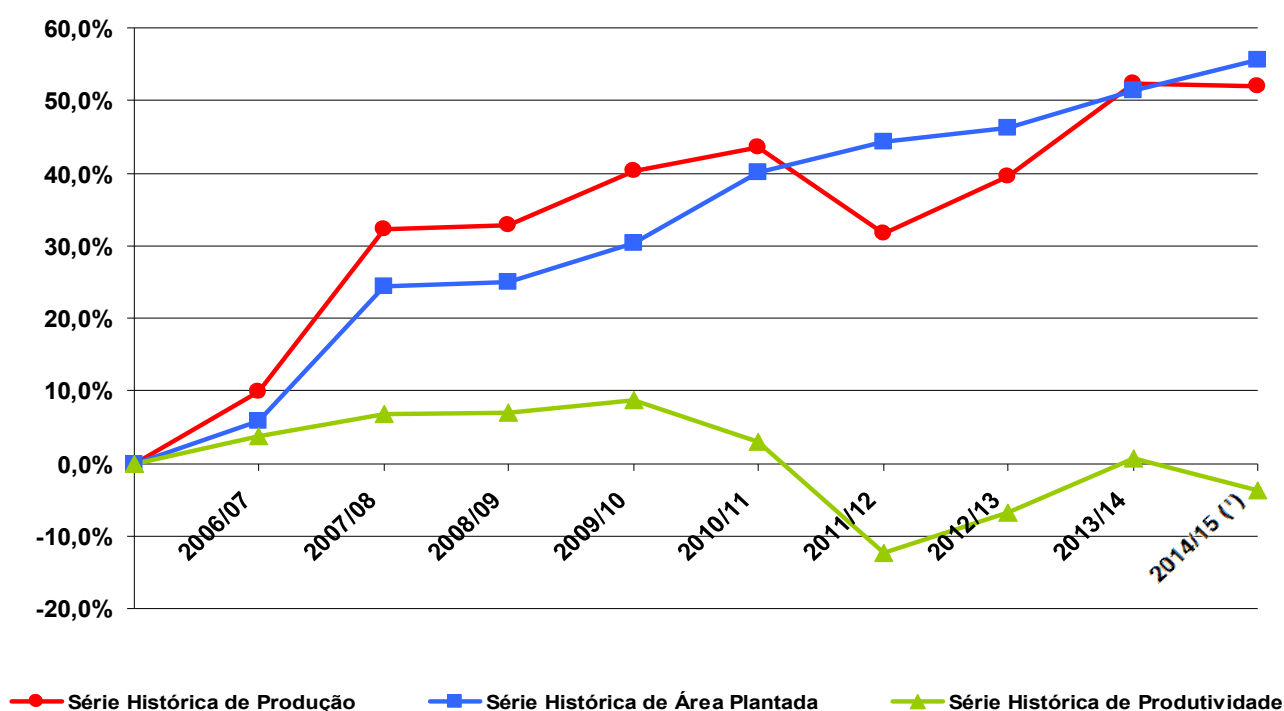


Fonte: Conab.

Nesta safra, essa tendência é uma característica basicamente da Região Centro-Sul, como pode ser vista no Gráfico 3. Nesta região o impacto da queda na produtividade (6,1%) sobre a produção (redução de 3,2%) só não é mais acentuado porque haverá um acréscimo de 3,1% na área plantada, sendo que este crescimento ocorreu, principalmente, devido à expansão de novas áreas de plantio das novas unidades de produção em funcionamento.

Na Região Norte/Nordeste a situação da safra de cana-de-açúcar é diferente da Centro-Sul. Nessa região a cultura da cana-de-açúcar se recupera de uma forte seca nas últimas duas safras (2012/13 e 2013/14) ocorrida na Região Nordeste. Esse acréscimo na produtividade (9,5%) da Região Nordeste, em relação à safra anterior, apesar da queda da área plantada (4,6%), reflete num aumento de produção de 4,4% em relação à safra 2013/14.

Gráfico 3 – Variação percentual acumulada em relação à safra anterior – Centro-Sul



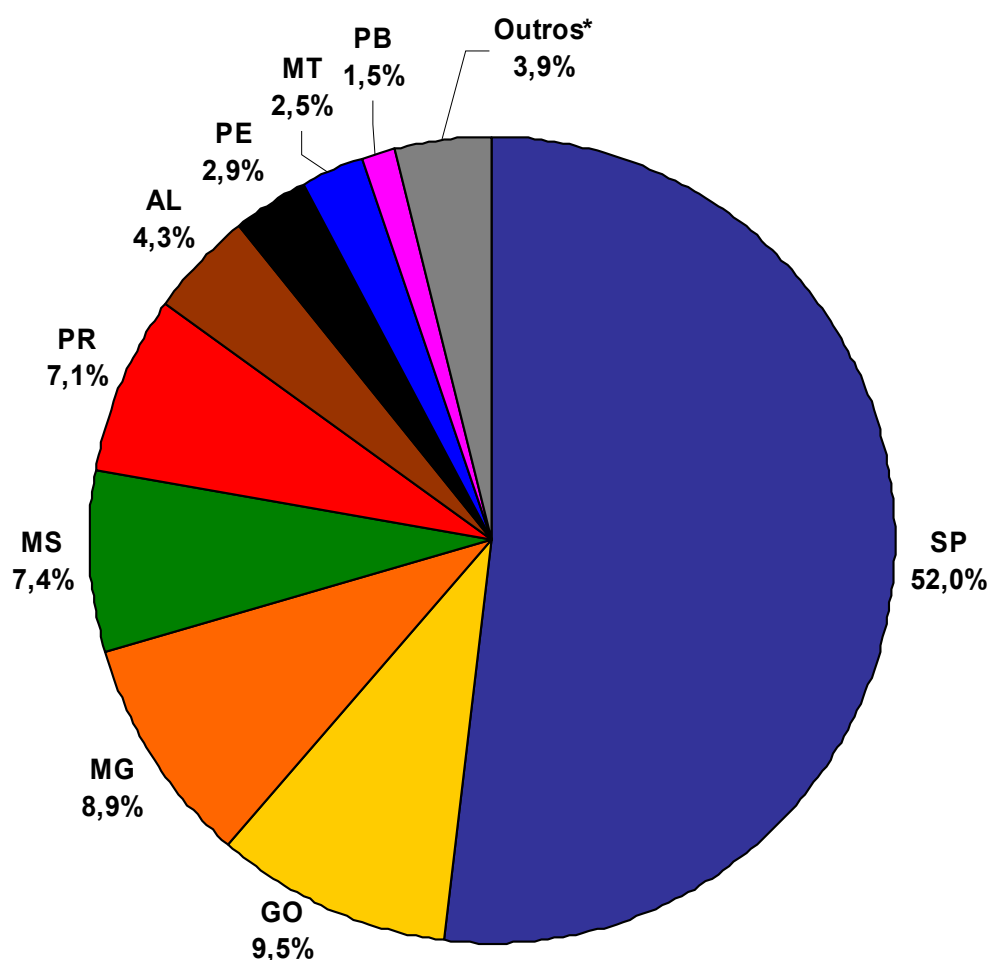
5.1. Área

A área cultivada com cana-de-açúcar que será colhida e destinada à atividade sucroalcooleira na safra 2014/15 será de aproximadamente 9.004,5 mil hectares, distribuídas em todos estados produtores. São Paulo permanece como o maior produtor com 52% (4.685,7 mil hectares) da área plantada, seguido por Goiás com 9,5% (854,2 mil

hectares), Minas Gerais com 8,8% (800,91 mil hectares), Minas Gerais com 8,9% (805,5 mil hectares), Mato Grosso do Sul com 7,4% (668,3 mil hectares), Paraná com 7,1% (635,0 mil hectares), Alagoas com 4,3% (385,3 mil hectares) e Pernambuco com 2,9% (260,1 mil hectares). Estes sete estados são responsáveis por 92,1% da produção nacional. Os demais estados produtores possuem áreas menores, com representações abaixo de 3%.

A área de cana-de-açúcar na safra 2014/15 apresentou um crescimento de 2,2% ou 193,1 mil hectares em relação à safra passada (Tabela 2). Esse aumento está concentrado nos estados em que teve o maior aumento de novas unidades e corresponde à consolidação das áreas destas a novas indústrias. São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e Paraná responderam por esse crescimento.

Gráfico 4 – Área de cana-de-açúcar por Unidade da Federação

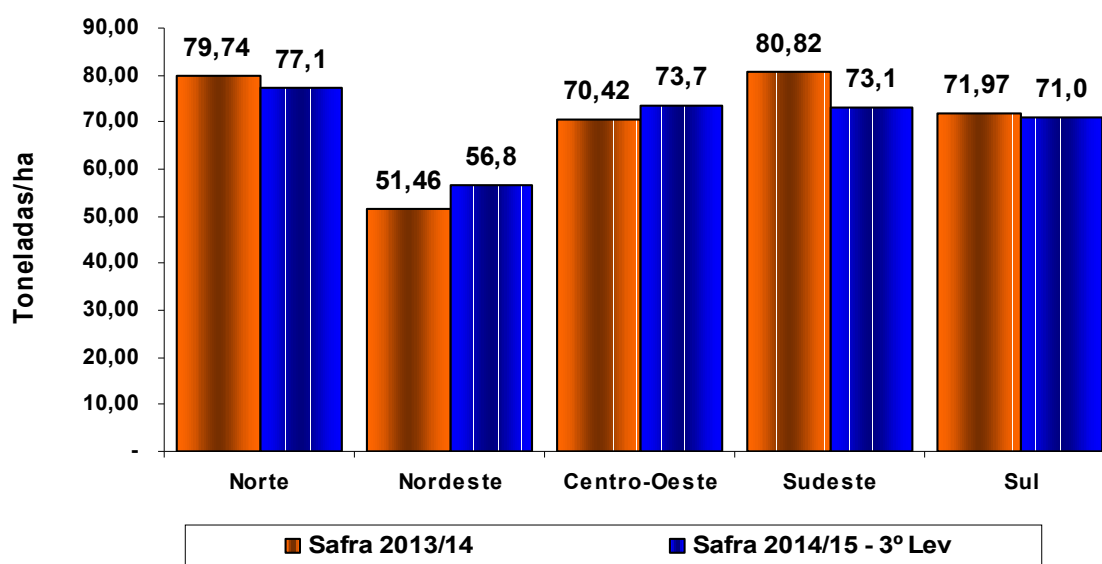


Legenda: (*) ES, RN, BA, SE, RJ, MA, TO, PI, PA, RO, AM, CE e RS.
Fonte: Conab.

5.2. Produtividade

Na Região Sudeste e no estado do Paraná, responsável por 9% da produção da Região Sul, as adversidades climáticas ocorridas nas lavouras de cana-de-açúcar durante o período de desenvolvimento, impactou diretamente as produtividades esperadas, que ficaram aquém das obtidas na safra passada. O decréscimo se concentrou com maior intensidade na Região Sudeste, onde as precipitações pluviométricas ficaram abaixo do normal desde o final do ano passado e refletiu no desenvolvimento da cultura, tanto na fase de rebrota, quanto no crescimento, prejudicando o perfilamento da cultura e o desenvolvimento dos colmos, o que reflete diretamente no rendimento de cana-de-açúcar por hectare. A queda no rendimento agrícola foi de 9,6%, chegando a atingir 10,5% em São Paulo.

Gráfico 5 – Comparativo de produtividade de cana-de-açúcar por região



Fonte: Conab.

No Nordeste, o crescimento no rendimento da cultura, apontado em 10,3% em relação à safra 2013/14, é uma recuperação da produtividade dos canaviais que foram severamente castigados por uma das maiores secas da região.

A expectativa é de que a produtividade final do país para a safra 2014/15 totalize 71,308 kg/ha, queda próxima de 4,6% em relação às 74.769 kg/ha registradas na safra 2013/14.

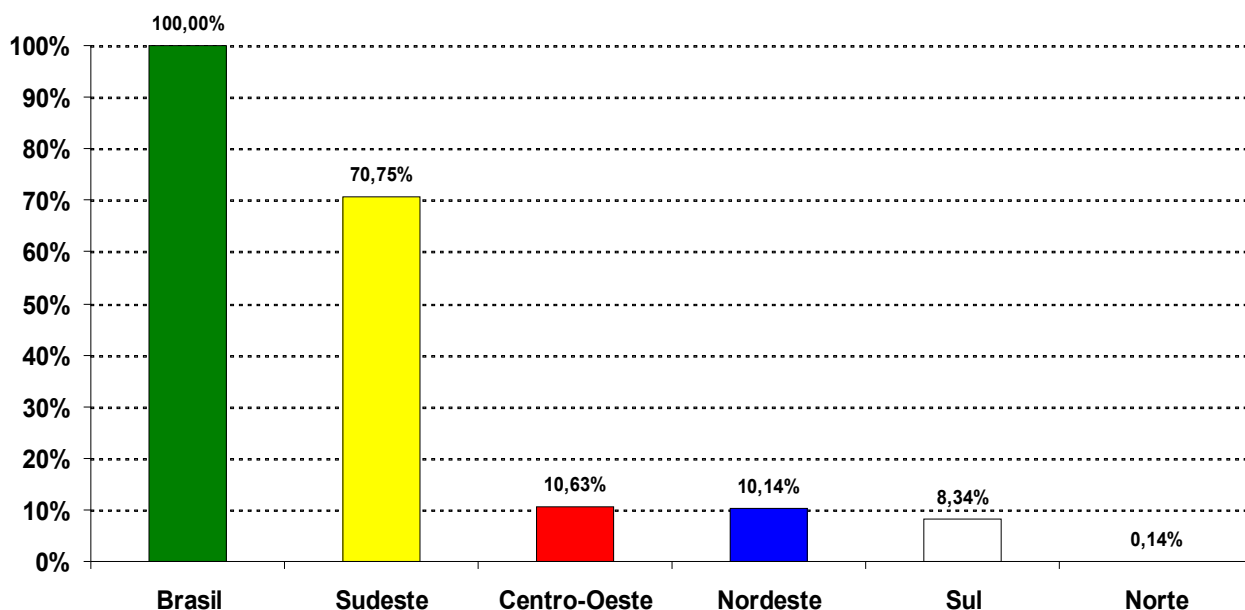
5.3. Produção de cana-de-açúcar

A produção total de cana-de-açúcar moída na safra 2014/15 é estimada em 642,1 milhões de toneladas, queda de 2,5% em relação ao volume colhido na safra passada que foi de 658,8 milhões de toneladas. No Centro-Sul a produção estimada é 3,2% inferior à produção da safra anterior, avaliada em 602,1 milhões de toneladas. A Região Norte/Nordeste prevê um aumento de 4,4%, passando de 56,7 milhões de toneladas da safra 2013/14, para 59,2 milhões na safra 2014/15.

5.3.1. Produção de açúcar

Para a safra 2014/15 a produção de açúcar está estimada em 36,36 milhões de toneladas, redução de 4% em relação a 37,88 milhões de toneladas na safra passada. Cerca de 70,75% do açúcar no país foi produzido na Região Sudeste, 10,63% na Região Centro-Oeste, 10,14% na Região Nordeste, 8,34% na Região Sul e 0,14% na Região Norte.

Gráfico 6 – Produção de açúcar por região



Fonte Conab.

O percentual de ATR destinado à produção de açúcar nesta safra para o Brasil está estimado em 43,72% do total (Tabela 3). A cana-de-açúcar equivalente destinada a esta produção de açúcar foi de 280,72 milhões de toneladas dos 642,09 milhões de toneladas estimados para esta safra.

A distribuição do mix indica que Pernambuco, Alagoas, Amazonas, Paraná e Piauí são mais açucareiros, destinando para tal fim, mais de 50% da sua produção de cana para a produção de açúcar e, respectivamente, do seu ATR produzido. O ATR médio obtido na safra de 2013/14 foi de 134,4 kg/t de cana-de-açúcar. Para esta safra, está estimado um índice um pouco maior, chegando a 136,3 kg/t de cana-de-açúcar.

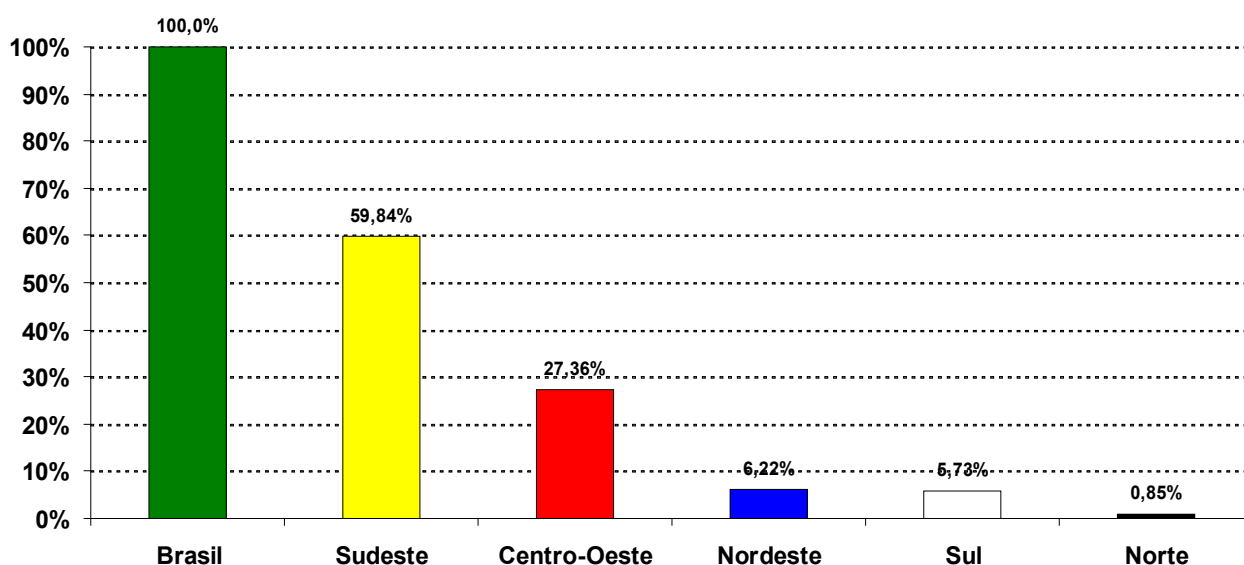
5.3.2. Produção de etanol

A produção de etanol total para este levantamento da safra 2014/15 está estimada em 28,66 bilhões de litros, 705,92 milhões de litros ou 2,53% a mais do que os 27,96 bilhões de litros da safra 2013/14. Deste total, 11,80 bilhões de litros deverá ser de etanol anidro e 16,86 bilhões de litros de etanol hidratado. Assim, o etanol anidro terá um decréscimo de 0,23% na produção e o etanol hidratado um aumento de 4,54%, quando comparados com a produção da safra anterior.

Rondônia, Tocantins, Ceará e Rio Grande do Sul têm seu ATR total destinado à produção de álcool. Destes, Rondônia, Ceará e Rio Grande do Sul produzem apenas álcool hidratado. Nesta safra, 56,28% da produção de ATR deverá ser destinado para a produção de etanol ou o equivalente a 361,37 milhões de toneladas de cana-de-açúcar.

Assim, como o açúcar, a produção de etanol continua concentrada na Região Centro-Sul, com 92,93% do total produzido no país, principalmente em São Paulo (48,61%), Goiás (14,41%), Minas Gerais (10,25%), Mato Grosso do Sul (9,02%), Paraná (5,72%) e Mato Grosso (3,93%).

Gráfico 7 – Produção de etanol por região



Fonte Conab.

6. Resultado detalhado

Os resultados obtidos no primeiro levantamento da safra 2014/15 são apresentados em detalhes nas tabelas a seguir.

Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013/14	Safra 2014/15	VAR. %	Safra 2013/14	Safra 2014/15	VAR. %	Safra 2013/14	Safra 2014/15	VAR. %
NORTE	46,4	47,6	2,60	79.736	77.144	(3,25)	3.698,14	3.671,30	(0,70)
RO	3,0	4,4	47,55	63.391	67.222	6,00	188,3	294,4	56,40
AC	1,2	0,0	(100,0)	75.350	-	(100,00)	88,9	-	(100,00)
AM	3,7	3,3	(10,00)	72.530	56.200	(22,50)	268,4	187,1	(30,30)
PA	11,9	12,0	1,00	68.787	70.000	1,80	818,6	841,4	2,80
TO	26,6	27,9	4,61	87.647	84.293	(3,8)	2.334,0	2.348,4	0,60
NORDESTE	1.030,2	979,0	(5,00)	51.460	56.754	10,30	53.014,7	55.561,6	4,80
MA	39,6	38,8	(2,05)	55.767	61.500	10,30	2.206,1	2.383,1	8,00
PI	15,0	13,9	(7,73)	56.660	68.350	20,60	851,6	948,0	11,30
CE	1,8	1,8	2,00	73.075	74.500	2,00	128,6	134,1	4,30
RN	51,5	56,0	8,72	41.923	46.988	12,10	2.158,2	2.629,9	21,90
PB	122,4	130,6	6,76	43.180	48.292	11,80	5.283,1	6.307,9	19,40
PE	284,6	260,1	(8,61)	50.600	56.628	11,90	14.402,3	14.730,6	2,30
AL	417,5	385,3	(7,71)	53.790	58.201	8,20	22.454,6	22.422,5	(0,10)
SE	44,5	44,4	(0,12)	52.200	53.498	2,50	2.321,3	2.376,4	2,40
BA	53,5	48,2	(9,93)	60.000	75.340	25,60	3.208,8	3.629,1	13,10
CENTRO-OESTE	1.710,8	1.748,5	2,20	70.415	73.700	4,67	120.462,3	128.860,2	7,00
MT	237,9	226,0	(5,00)	71.254	75.700	6,20	16.948,5	17.105,9	0,90
MS	654,5	668,3	2,10	63.401	67.777	6,90	41.496,0	45.293,3	9,20
GO	818,4	854,2	4,38	75.780	77.804	2,70	62.017,7	66.461,0	7,20
SUDESTE	5.436,3	5.593,1	2,90	80.817	73.093	(9,60)	439.343,0	408.817,4	(6,90)
MG	779,8	805,5	3,30	77.914	74.534	(4,30)	60.759,5	60.039,4	(1,20)
ES	65,3	68,9	5,38	57.698	55.389	(4,00)	3.770,0	3.814,1	1,20
RJ	39,1	33,0	(15,51)	51.398	49.000	(4,70)	2.007,6	1.617,0	(19,50)
SP	4.552,0	4.685,7	2,94	81.899	73.275	(10,50)	372.805,9	343.346,9	(7,90)
SUL	587,8	636,3	8,30	71.968	71.008	(1,30)	42.304,2	45.184,7	6,80
PR	586,4	635,0	8,29	72.017	71.042	(1,40)	42.231,0	45.110,2	6,80
RS	1,4	1,4	(5,00)	51.575	55.222	7,10	73,2	74,5	1,70
NORTE/NORDESTE	1.076,6	1.026,6	(4,60)	52.678	57.699	9,50	56.712,8	59.232,9	4,40
CENTRO-SUL	7.734,8	7.977,9	3,10	77.844	73.060	(6,10)	602.109,5	582.862,3	(3,20)
BRASIL	8.811,4	9.004,5	2,20	74.769	71.308	(4,60)	658.822,3	642.095,2	(2,50)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 3 – Açúcar total recuperável (ATR)

REGIÃO/UF	INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA - ATR TOTAL					
	ATR MÉDIO (kg/t)	ATR TOTAL (toneladas)	ATR PARA AÇÚCAR (%)	ATR PARA ETANOL (%)	ATR PARA ETANOL ANIDRO (%)	ATR PARA ETANOL HIDRATADO (%)
NORTE	129,53	475.528	11,7	88,27	54,30	33,96
RO	100,00	29.440	0,0	100,0	-	100,00
AM	86,50	16.184	69,5	30,50	-	30,50
PA	137,02	115.289	35,7	64,26	52,76	11,50
TO	133,97	314.615	0,0	100,00	65,99	34,01
NORDESTE	125,43	6.969.055	56,3	43,74	28,17	15,56
MA	140,00	333.634	3,1	96,94	89,73	7,21
PI	130,90	124.093	53,2	46,81	46,08	0,73
CE	118,40	15.877	0,0	100,00	-	100,00
RN	118,00	310.328	46,3	53,69	31,80	21,89
PB	129,50	816.873	22,4	77,60	50,25	27,35
PE	118,70	1.748.522	68,8	31,24	18,57	12,67
AL	125,69	2.818.284	72,4	27,64	18,63	9,01
SE	129,30	307.269	45,6	54,44	18,58	35,86
BA	136,17	494.175	17,0	82,99	47,34	35,65
CENTRO-OESTE	135,70	17.486.779	23,3	76,75	22,85	53,90
MT	138,52	2.369.509	18,1	81,90	37,70	44,20
MS	131,27	5.945.651	25,7	74,33	19,65	54,68
GO	138,00	9.171.618	22,9	77,07	21,21	55,86
SUDESTE	138,40	56.579.643	47,7	52,28	24,12	28,16
MG	142,00	8.525.595	40,7	59,31	24,04	35,27
ES	125,36	478.136	30,2	69,85	52,20	17,65
RJ	120,00	194.040	20,7	79,26	-	79,26
SP	138,00	47.381.872	49,3	50,73	23,94	26,79
SUL	132,75	5.998.397	53,0	46,98	14,92	32,06
PR	132,80	5.990.635	53,1	46,89	14,94	31,95
RS	104,20	7.763	0,0	100,00	-	100,00
NORTE/NORDESTE	125,68	7.444.583	53,5	46,50	29,79	16,70
CENTRO-SUL	137,36	80.064.819	42,7	57,28	23,13	34,15
BRASIL	136,29	87.509.402	43,72	56,28	23,74	32,54

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 4 – Produção da indústria sucroalcooleira – Açúcar e etanol (total, anidro e hidratado)

REGIÃO/UF	INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA			
	AÇÚCAR (1.000 t)	ETANOL TOTAL (Em 1.000 l)	ETANOL ANIDRO (Em 1.000 l)	ETANOL HIDRATADO (Em 1.000 l)
NORTE	50,0	243.512,1	152.082,5	91.429,7
RO	-	17.406,7	0,0	17.406,7
AM	10,7	2.918,6	0,0	2.918,6
PA	39,3	42.299,6	34.460,5	7.839,1
TO	-	180.887,3	117.622,0	63.265,3
NORDESTE	3.686,1	1.783.604,7	1.136.759,7	646.844,9
MA	9,7	183.827,8	169.605,0	14.222,8
PI	62,9	32.931,6	32.396,0	535,6
CE	-	9.387,7	0,0	9.387,7
RN	136,9	96.073,5	55.908,7	40.164,9
PB	174,3	364.649,1	232.552,7	132.096,5
PE	1.145,6	314.942,6	183.955,9	130.986,7
AL	1.943,1	447.597,2	297.459,8	150.137,4
SE	133,4	97.493,0	32.344,1	65.149,0
BA	80,1	236.702,0	132.537,7	104.164,4
CENTRO-OESTE	3.866,8	7.840.752,5	2.270.084,2	5.570.668,2
MT	408,7	1.125.334,6	506.093,1	619.241,5
MS	1.454,3	2.584.139,1	661.900,5	1.922.238,7
GO	2.003,9	4.131.278,7	1.102.090,6	3.029.188,1
SUDESTE	25.725,1	17.152.918,9	7.728.944,5	9.423.974,4
MG	3.305,4	2.939.062,9	1.161.154,0	1.777.908,9
ES	137,4	191.298,0	141.400,9	49.897,1
RJ	38,3	90.933,7	0,0	90.933,7
SP	22.244,0	13.931.624,3	6.426.389,6	7.505.234,8
SUL	3.031,6	1.643.322,2	507.053,9	1.136.268,3
PR	3.031,6	1.638.732,3	507.053,9	1.131.678,4
RS	-	4.589,9	0,0	4.589,9
NORTE/NORDESTE	3.736,1	2.027.116,8	1.288.842,2	738.274,6
CENTRO-SUL	32.623,5	26.636.993,6	10.506.082,6	16.130.910,9
BRASIL	36.359,5	28.664.110,4	11.794.924,9	16.869.185,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 5 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao açúcar e produção de açúcar

REGIÃO/UF	CANA-DE-AÇÚCAR DESTINADA AO AÇÚCAR (Em 1000 t)			AÇÚCAR (Em 1000 t)			
	Safr 2013/14	Safr 2014/15	VAR. %	Safr 2013/14	Safr 2014/15	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	449,9	430,8	-4,26	46,8	50,0	3,2	6,74
AM	174,9	130,0	-25,65	14,7	10,7	(3,9)	(26,91)
PA	275,0	300,7	9,33	32,2	39,3	7,1	22,09
NORDESTE	29.379,0	31.261,7	6,41	3.414,2	3.686,1	271,9	7,96
MA	85,2	72,9	-14,37	11,3	9,7	(1,6)	(13,93)
PI	419,7	504,2	20,15	52,1	62,9	10,8	20,71
RN	1.218,7	1.217,9	-0,07	122,2	136,9	14,8	12,09
PB	679,4	1.413,0	107,97	83,8	174,3	90,5	107,97
PE	10.075,8	10.128,8	0,53	1.139,6	1.145,6	6,0	0,53
AL	15.219,7	16.224,9	6,60	1.801,1	1.943,1	142,0	7,88
SE	893,0	1.082,7	21,24	110,0	133,4	23,4	21,24
BA	787,4	617,3	-21,61	94,0	80,1	(13,9)	(14,80)
CENTRO-OESTE	27.908,6	29.962,5	7,36	3.670,7	3.866,8	196,0	5,34
MT	3.138,9	3.096,2	-1,36	412,5	408,7	(3,9)	(0,93)
MS	11.336,7	11.626,8	2,56	1.367,6	1.454,3	86,7	6,34
GO	13.433,0	15.239,5	13,45	1.890,6	2.003,9	113,2	5,99
SUDESTE	216.753,2	195.082,4	-10,00	27.709,7	25.725,1	(1.984,6)	(7,16)
MG	26.807,1	24.430,0	-8,87	3.413,7	3.305,4	(108,2)	(3,17)
ES	1.086,9	1.150,0	5,80	123,0	137,4	14,4	11,69
RJ	763,7	335,4	-56,09	84,5	38,3	(46,2)	(54,62)
SP	188.095,5	169.167,0	-10,06	24.088,6	22.244,0	(1.844,6)	(7,66)
SUL	23.429,7	23.958,0	2,25	3.036,8	3.031,6	(5,2)	(0,17)
PR	23.429,7	23.958,0	2,25	3.036,8	3.031,6	(5,2)	(0,17)
NORTE/NORDESTE	29.828,9	31.692,5	6,25	3.461,0	3.736,1	275,1	7,95
CENTRO-SUL	268.091,5	249.002,9	-7,12	34.417,3	32.623,5	(1.793,8)	(5,21)
BRASIL	297.920,4	280.695,3	-5,78	37.878,3	36.359,5	(1.518,7)	(4,01)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 6 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol total e produção de etanol total

REGIÃO/UF	CANADA-ÇÚCAR DESTINADA AO ETANOL TOTAL (Em 1000 t)			ETANOL TOTAL (Em 1000 l)			
	Safr 2013/14	Safr 2014/15	VAR. %	Safr 2013/14	Safr 2014/15	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	3.248,3	3.240,5	-0,24	254.915,1	243.512,1	(11.402,9)	(4,47)
RO	188,3	294,4	56,35	10.766,0	17.406,7	6.640,7	61,68
AC	88,9	-	-100,00	5.009,3	-	(5.009,3)	(100,00)
AM	93,5	57,1	-38,97	4.865,4	2.918,6	(1.946,9)	(40,01)
PA	543,6	540,7	-0,53	38.181,4	42.299,6	4.118,2	10,79
TO	2.334,0	2.348,4	0,62	196.092,9	180.887,3	(15.205,7)	(7,75)
NORDESTE	23.635,6	24.299,9	2,81	1.704.409,4	1.783.604,7	79.195,2	4,65
MA	2.120,9	2.310,2	8,92	167.945,1	183.827,8	15.882,7	9,46
PI	431,9	443,8	2,74	31.930,2	32.931,6	1.001,3	3,14
CE	128,6	134,1	4,28	9.002,7	9.387,7	385,0	4,28
RN	939,5	1.412,0	50,30	56.961,4	96.073,5	39.112,1	68,66
PB	4.603,7	4.894,9	6,33	343.587,2	364.649,1	21.061,9	6,13
PE	4.326,5	4.601,8	6,37	295.439,0	314.942,6	19.503,6	6,60
AL	7.234,9	6.197,6	-14,34	517.439,5	447.597,2	(69.842,2)	(13,50)
SE	1.428,3	1.293,7	-9,42	107.492,7	97.493,0	(9.999,6)	(9,30)
BA	2.421,4	3.011,8	24,38	174.611,7	236.702,0	62.090,4	35,56
CENTRO-OESTE	92.553,7	98.897,7	6,85	7.217.620,0	7.840.752,5	623.132,5	8,63
MT	13.809,6	14.009,7	1,45	1.103.961,0	1.125.334,6	21.373,6	1,94
MS	30.159,3	33.666,5	11,63	2.232.542,0	2.584.139,1	351.597,1	15,75
GO	48.584,7	51.221,5	5,43	3.881.117,0	4.131.278,7	250.161,7	6,45
SUDESTE	222.589,8	213.735,0	-3,98	17.283.391,0	17.152.918,9	(130.472,1)	(0,75)
MG	33.952,4	35.609,4	4,88	2.631.069,0	2.939.062,9	307.993,9	11,71
ES	2.683,1	2.664,1	-0,71	182.075,0	191.298,0	9.223,0	5,07
RJ	1.243,9	1.281,6	3,03	85.401,0	90.933,7	5.532,7	6,48
SP	184.710,4	174.179,9	-5,70	14.384.846,0	13.931.624,3	(453.221,7)	(3,15)
SUL	18.874,5	21.226,7	12,46	1.496.376,0	1.643.322,2	146.946,2	9,82
PR	18.801,2	21.152,2	12,50	1.491.866,0	1.638.732,3	146.866,3	9,84
RS	73,2	74,5	1,73	4.510,0	4.589,9	79,9	1,77
NORTE/NORDESTE	26.883,9	27.540,4	2,44	1.959.324,5	2.027.116,8	67.792,3	3,46
CENTRO-SUL	334.017,9	333.859,4	-0,05	25.997.387,0	26.636.993,6	639.606,6	2,46
BRASIL	360.901,8	361.399,9	0,14	27.956.711,5	28.664.110,4	707.398,9	2,53

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 7 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol anidro e produção de etanol anidro

REGIÃO/UF	CANa-DE-AÇÚCAR DESTINADA AO ETANOL ANIDRO (Em 1000 t)			ETANOL ANIDRO (Em 1000 l)			
	Safrá 2013/14	Safrá 2014/15	VAR. %	Safrá 2013/14	Safrá 2014/15	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	1.756,2	1.993,6	13,52	139.510,1	152.082,5	12.572,4	9,01
PA	412,7	443,9	7,56	28.691,3	34.460,5	5.769,3	20,11
TO	1.343,5	1.549,7	15,35	110.818,9	117.622,0	6.803,1	6,14
NORDESTE	15.105,7	15.653,6	3,63	1.077.137,6	1.136.759,7	59.622,1	5,54
MA	1.957,7	2.138,4	9,23	154.499,3	169.605,0	15.105,7	9,78
PI	418,0	436,8	4,52	30.854,3	32.396,0	1.541,7	5,00
RN	566,7	836,3	47,56	33.777,9	55.908,7	22.130,7	65,52
PB	2.783,1	3.169,7	13,89	204.190,3	232.552,7	28.362,4	13,89
PE	2.795,5	2.735,5	-2,15	187.991,8	183.955,9	(4.035,8)	(2,15)
AL	4.511,1	4.177,3	-7,40	317.422,4	297.459,8	(19.962,6)	(6,29)
SE	532,0	441,5	-17,01	38.974,0	32.344,1	(6.630,0)	(17,01)
BA	1.541,5	1.718,0	11,45	109.427,7	132.537,7	23.109,9	21,12
CENTRO-OESTE	26.979,7	29.445,4	9,14	2.120.777,0	2.270.084,2	149.307,2	7,04
MT	6.909,9	6.448,9	-6,67	539.777,0	506.093,1	(33.683,9)	(6,24)
MS	8.187,2	8.900,1	8,71	586.994,0	661.900,5	74.906,5	12,76
GO	11.882,6	14.096,4	18,63	994.006,0	1.102.090,6	108.084,6	10,87
SUDESTE	105.601,5	98.621,7	-6,61	8.013.354,0	7.728.944,5	(284.409,5)	(3,55)
MG	15.499,7	14.433,5	-6,88	1.171.543,0	1.161.154,0	(10.389,0)	(0,89)
ES	1.586,4	1.991,0	25,50	105.770,0	141.400,9	35.630,9	33,69
SP	88.515,3	82.197,2	-7,14	6.736.041,0	6.426.389,6	(309.651,4)	(4,60)
SUL	6.144,6	6.739,5	9,68	473.649,0	507.053,9	33.404,9	7,05
PR	6.144,6	6.739,5	9,68	473.649,0	507.053,9	33.404,9	7,05
NORTE/NORDESTE	16.861,9	17.647,2	4,66	1.216.647,7	1.288.842,2	72.194,5	5,93
CENTRO-SUL	138.725,7	134.806,6	-2,83	10.607.780,0	10.506.082,6	(101.697,4)	(0,96)
BRASIL	155.587,6	152.453,77	-2,01	11.824.427,7	11.794.924,9	(29.502,9)	(0,25)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

Tabela 8 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol hidratado e produção de etanol hidratado

REGIÃO/UF	CANA-DE-AÇÚCAR DESTINADA AO ÁLCOOL HIDRATADO (Em 1000 t)			ÁLCOOL HIDRATADO (Em 1.000 l)			
	Safr a 2013/14	Safr a 2014/15	VAR. %	Safr a 2013/14	Safr a 2014/15	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	1.492,1	1.246,9	-16,43	115.405,0	91.429,7	(23.975,3)	(20,77)
RO	188,3	294,4	56,35	10.766,0	17.406,7	6.640,7	61,68
AC	88,9	-	-100,00	5.009,3	-	(5.009,3)	(100,00)
AM	93,5	57,1	-38,97	4.865,4	2.918,6	(1.946,9)	(40,01)
PA	130,8	96,8	-26,03	9.490,1	7.839,1	(1.651,1)	(17,40)
TO	990,5	798,7	-19,37	85.274,1	63.265,3	(22.008,8)	(25,81)
NORDESTE	8.529,9	8.646,3	1,36	627.271,8	646.844,9	19.573,1	3,12
MA	163,3	171,8	5,25	13.445,8	14.222,8	777,0	5,78
PI	14,0	6,9	-50,45	1.076,0	535,6	(540,4)	(50,22)
CE	128,6	134,1	4,28	9.002,7	9.387,7	385,0	4,28
RN	372,7	575,7	54,45	23.183,5	40.164,9	16.981,4	73,25
PB	1.820,6	1.725,2	-5,24	139.396,9	132.096,5	(7.300,5)	(5,24)
PE	1.531,0	1.866,4	21,91	107.447,2	130.986,7	23.539,5	21,91
AL	2.723,7	2.020,3	-25,83	200.017,1	150.137,4	(49.879,7)	(24,94)
SE	896,3	852,2	-4,92	68.518,7	65.149,0	(3.369,7)	(4,92)
BA	879,9	1.293,8	47,04	65.183,9	104.164,4	38.980,5	59,80
CENTRO-OESTE	65.574,0	69.452,3	5,91	5.096.843,0	5.570.668,2	473.825,2	9,30
MT	6.899,7	7.560,8	9,58	564.184,0	619.241,5	55.057,5	9,76
MS	21.972,2	24.766,4	12,72	1.645.548,0	1.922.238,7	276.690,7	16,81
GO	36.702,1	37.125,1	1,15	2.887.111,0	3.029.188,1	142.077,1	4,92
SUDESTE	116.988,4	115.113,4	-1,60	9.270.037,0	9.423.974,4	153.937,4	1,66
MG	18.452,7	21.175,9	14,76	1.459.526,0	1.777.908,9	318.382,9	21,81
ES	1.096,7	673,2	-38,62	76.305,0	49.897,1	(26.407,9)	(34,61)
RJ	1.243,9	1.281,6	3,03	85.401,0	90.933,7	5.532,7	6,48
SP	96.195,1	91.982,6	-4,38	7.648.805,0	7.505.234,8	(143.570,2)	(1,88)
SUL	12.729,9	14.487,2	13,80	1.022.727,0	1.136.268,3	113.541,3	11,10
PR	12.656,6	14.412,7	13,87	1.018.217,0	1.131.678,4	113.461,4	11,14
RS	73,2	74,5	1,73	4.510,0	4.589,9	79,9	1,77
NORTE/NORDESTE	10.022,0	9.893,2	-1,28	742.676,8	738.274,6	(4.402,2)	(0,59)
CENTRO-SUL	195.292,2	199.052,9	1,93	15.389.607,0	16.130.910,9	741.303,9	4,82
BRASIL	205.314,2	208.946,1	1,77	16.132.283,8	16.869.185,5	736.901,7	4,57

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2014.

SUREG AC

Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5, Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Osvaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erlí de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
m.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiuva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE

Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Jalbas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Gerência de Geotecnologias (Geote)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/3280

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

